



A família baiana, tangida pela seca: não há cobertores ou água para as crianças

Família vive sob passarela na Asa Norte

Prejudicados pela violenta seca que hoje atinge a região Nordeste, Maria Rosa Lima da Silva e a família vieram para Brasília no início deste mês, depois de serem informados que aqui havia noradão e que o governo distribuía lotes para os pobres. A informação partiu de uma vizinha da casa onde moravam em Irecê, na Bahia, trabalhando no plantio de feijão. Com a seca, não há mais plantações nem trabalho. Ainda sem emprego em Brasília, a saída foi morar debaixo da passarela subterrânea do Eixão Norte, próximo à entrequadra 115/116.

Ontem, Maria Rosa não pôde colocar uma panela no seu fogão improvisado com duas pedras e lenha. Ela não tinha o que cozinhar para os quatro netos que trouxe com ela. As contribuições da vizinhança, em doações de arroz e verduras, não são suficientes para alimentar as dez pessoas que moram ali. A primeira a chegar foi a filha Maria Leida há três meses, trazendo de bagagem apenas o filho, que ontem completou dois anos e um cachorro.

Além da miséria e do frio, agravado pela falta de cobertores, a família baiana vive outros dramas. Maria Rosa, há uma semana, quebrou o braço em uma queda no local onde mora. Até hoje, não providenciou o tratamento médico por falta de documentação. A noite, ela não consegue dormir sentindo fortes dores no local da fratura. Uma das filhas, Isanete Lima da Silva, terá seu terceiro filho em setembro e, até agora, não dispõe de uma peça de roupa para agasalhar a criança.

O resto dos moradores daquela passarela subterrânea dorme no chão inesmo, sobre papelões. O maior problema, no entanto, é na hora de cozinhar ou lavar roupas porque continuam perseguidos pela falta d'água. Com uma lata de água, é preciso passar todo o dia. Esta lata é conseguida diariamente, às cinco horas da manhã, no Bar Caranguejo, situado na quadra 115/Norte. Eventualmente, os zeladores e porteiros dos blocos residenciais próximos também liberam a coleta da água. O banheiro é ali mesmo, na passagem subterrânea do Eixinho Leste. Para tomar banho, de vez em quando, é preciso descer até o lago, onde tem uma bica.

Além da família, mora ali também um amigo, E Mário do Carmo, ou "Bahia", que ao ser abordado pela reportagem do CORREIO BRAZILIENSE pediu um agasalho e um cobertor para suportar o frio. Ele não trabalha, porque não tem documentos. Também Maria Leida justifica porque não está empregada, que em todas as casas onde poderia estar trabalhando como empregada doméstica, lhe é exigida alguma referência de trabalho anterior. Embora sem nenhuma perspectiva de conquistar uma melhor condição de vida em Brasília, como imaginava na Bahia ao resolver vir para cá, a família de Maria Rosa não quer retornar a Irecê como a "terra do feijão".

Sem o trabalho no plantio de feijão, em função da seca, a única opção seria trabalhar na prefeitura daquela cidade que paga Cr\$ 80,00 pelo trabalho sinal, de domingo a domingo. Isanete Lima da Silva recorda que trabalhou grávida até o dia em que o seu segundo filho nasceu, sem nenhum dia de folga. Maria Rosa tem um filho em Goiânia, onde poderia viver melhor, mas lhe falta o dinheiro da passagem para se deslocar para aquela cidade. Esta família vive, hoje, uma total condição de abandono inclusive por parte da assistência social do Governo do Distrito Federal, que até agora não tomou conhecimento da condição em que mora.



Maria Rosa: braço quebrado